



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CENTRO UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS-CAMETÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS NATURAIS
POLO OEIRAS DO PARÁ

WERLEN SILVA

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO SOB A PERSPECTIVA DOS FORMANDOS DO
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS**

OEIRAS DO PARÁ

2021

WERLEN SILVA

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO SOB A PERSPECTIVA DOS FORMANDOS DO
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Pará como requisito
para a obtenção do Grau de Licenciado em
Ciências Naturais.

Orientadora: Franciane da Silva e Silva

OEIRAS DO PARÁ

2021

WERLEN SILVA

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO SOB A PERSPECTIVA DOS FORMANDOS DO
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial para
obtenção de grau de Licenciando em
Ciências Naturais, pela Universidade
Federal do Pará, Campus Cametá.

Data de aprovação: ___/___/___

Banca Examinadora:

Prof. Ma. Franciane da Silva e Silva (Orientadora)
Universidade Federal do Pará, campus Cametá.

Prof. Ma. Taize Borges de Sousa
Universidade Federal do Pará, campus Cametá.

Prof. Me. Waldemar Borges de Oliveira Júnior
Instituto de Educação Matemática e Científica/IEMCI

À minha doce mãe, a luz que permeia os meus dias. Quando tudo parece obscuro, o seu acalanto me leva ao lógico da avidez em uma sociedade que no cerne é uma guerra fria em que tudo se autoproclama ao caos. Minha mãe, mulher forte de trejeitos dóceis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço porque reconheço que sozinho eu não seria nada, eu sei o que é empatia, eu sei o que é solidariedade, eu sei o que é lealdade, eu sei o que é companheirismo, eu sei o que é afeto e acima de tudo eu sei o que é gratidão. Sou grato por tudo o que tenho, sou grato pela mãe que tenho, sou grato pelos irmãos incríveis que tenho, sou grato pelos sobrinhos lindos que tenho, sou grato pelos amigos que tenho, sou grato por onde estudei, sou grato pelos professores que tive e pelos que tenho, enfim. Sou grato pela vida que tenho.

Agradeço a Deus pelo dom da vida, a ele que tem sido meu tudo.

À Vanda Maria Silva da Conceição, minha mãe, a energia que tenho, o meu grande incentivo para lutar. Ela é minha vida, sem ela não sei o que eu seria. Nunca pedi ouro ou qualquer coisa de valor que o dinheiro possa comprar, eu sempre pedi a Deus proteção e saúde pra minha família. Lembro-me do percurso até aqui, não foi fácil, mas não ia ter significado, se não fosse. Minha mãe sempre me disse essa palavra “Estuda!”, e desde sempre eu soube o valor que essa palavra tem. Portanto. Minha mãe, essa palavra nunca caíra em esquecimento enquanto eu for vivo.

Agradeço aos meus irmãos, sobrinhos e minha vó que sempre torceram por mim, sem vocês imaginarem me ajudaram significativamente. As vezes a gente se apega em um sorriso simples para seguir em frente, e diariamente procuro o sorriso alegre de vocês, isso é substancial para mim, obrigado por tudo.

À minha orientadora Franciane da Silva e Silva, que me estendeu as mãos. Agradeço pelo esforço, paciência e empatia por ter aceitado o pedido, desde o início dessa jornada ela me veio como escolha. A confiança que me transpassou foi essencial para esta pesquisa fosse viável, obrigado professora. Obrigado a UFPA por ter me acolhido e a todos os professores que contribuíram durante a minha trajetória na universidade.

Agradeço imensamente aos meus colegas de curso, e principalmente às minhas amigas que sempre estiveram segurando as minhas mãos, em especial ao “Grupo Resistência”, elas; Aida Monteiro, Bruna Patricia e Jaciane Oliveira. Quero frisar o quanto sou grato com vocês. E ao final, quero dizer do fundo do meu coração o quanto sou imensuravelmente agradecido e agraciado por você, minha amiga, minha companheira em tudo, Narlândia Oliveira. Essa mulher merece tudo o que há de bom nessa vida. Ela é uma luz no fim do túnel. Obrigado a todos que contribuíram indireta e diretamente comigo durante esta caminhada.

“educação em favor da emancipação permanente dos seres humanos, considerados como classe ou como indivíduos, [educação que] se põe como um quefazer histórico em consonância com a também histórica natureza humana, inclusive, finita, limitada”.

(FREIRE, 1991, p. 72).

RESUMO

O trabalho tem como objetivo analisar as concepções dos formandos do curso de Licenciatura em Ciências Naturais, da Universidade Federal do Pará, campus Tocantins-Cametá, polo Oeiras do Pará, a respeito de sua formação acadêmica no âmbito do Estágio Supervisionado. Para isto, recorreu-se à abordagem de pesquisa qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994), e aos fundamentos investigação descritiva (GIL, 2008). Para a coleta de dados utilizou-se a técnica de entrevista coletiva “Grupo Focal” (GATTI, 2005), com onze formandos, analisados sob a ótica da Análise Textual Discursiva (MORAES, 2003). Os futuros professores de Ciências destacam a importância do estágio em suas trajetórias formativas e a dificuldade encontrada para discernir na prática as teorias de ensino. A maior parte das concepções dos estagiários está vinculada com a visão do estágio como a parte prática da formação. Confessaram algumas dificuldades que tiveram durante os processos, que revelam insegurança em suas práticas docentes. Contudo, ressalta-se que possuem um senso reflexivo, algo necessário às ações pedagógicas. O estágio é um grande aliado para os formandos de ciências, haja vista que o ensino de ciências está vinculado ao desenvolvimento de cidadãos críticos democraticamente, o ensino deve constar com atividades inter e multidisciplinares, o professor tem um papel fundamental para consolidar essas perspectivas.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado. Teoria e Prática. Formação de Professores.

ABSTRACT

The work aims to analyze the conceptions of graduates of the Licentiate Degree in Natural Sciences, at the Federal University of Pará, Tocantins-Cametá campus, Oeiras do Pará pole, regarding their academic training under the Supervised Internship. For this, we resorted to the qualitative research approach (BOGDAN; BIKLEN, 1994), and the foundations of descriptive research (GIL, 2008). For data collection we used the collective interview technique “Focal Group” (GATTI, 2005), with eleven trainees, analyzed from the perspective of Textual Discursive Analysis (MORAES, 2003). Future Science teachers highlight the importance of the internship in their formative trajectories and the difficulty encountered in discerning teaching theories in practice. Most of the interns' conceptions are linked to the internship view as the practical part of training. They confessed some difficulties they had during the processes, which reveal insecurity in their teaching practices. However, it is noteworthy that they have a reflective sense, something necessary for pedagogical actions. The internship is a great ally for science graduates, given that science education is democratically linked to the development of critical citizens, teaching must consist of inter and multidisciplinary activities, the teacher has a fundamental role to consolidate these perspectives.

Keywords: Supervised Internship. Theory and Practice. Teacher Training.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
SEÇÃO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
1.1 Estágio supervisionado nos documentos oficiais	11
1.2 Estágio Supervisionado e a Relação Teoria e Prática	15
1.3 Estágio Supervisionado e a Formação de Professores	19
SEÇÃO 2: METODOLOGIA	26
2.1 Contexto e Caracterização da pesquisa	26
2.2 Coleta e análise dos dados.....	26
SEÇÃO 3: RESULTADOS E DISCUSSÕES	28
3.1 Caracterização dos sujeitos/participantes	28
3.2 Entrevista coletiva com os formandos	29
3.2.1 Concepções sobre Estágio Supervisionado	29
3.2.2 A importância do Estágio Supervisionado na Formação Docente	32
3.2.3 Disciplina Estágio Supervisionado e suas dificuldades	35
3.2.4 Estágio Supervisionado e a flexibilização das suas ementas na perspectiva dos Formandos	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

O surgimento do estágio supervisionado no Brasil é vinculado à concepção de trabalho, no desenvolvimento em larga escala da mão de obra profissionalizada. Nessa perspectiva, se configura em um ato de aprendizagem que visa o conhecimento e a preparação do estagiário para a função profissional que o mesmo escolheu. O estágio é atribuído como a parte prática do desenvolvimento das atividades pré-profissionais (PINHEIRO, 2008).

No Brasil começou as instalações de escolas voltadas ao magistério, chamadas de “Escolas Normais¹”. Foram nesses espaços que se iniciaram os exercícios do estágio supervisionado para a profissão de professores, chamados de práticas de ensino. Logo após essas escolas, nasceram as “Escolas de Aplicação²” que atribuía em conjunto, o estágio com as práticas profissionais. O que se via nessas escolas, era o desenvolvimento da prática sem alguma teoria vista nas escolas normais, isso trouxe à tona o problema que encaramos até hoje nos estágios supervisionados, a dicotomia entre teoria e prática (DIDONE, 2007).

Com isso, a finalidade do estágio supervisionado muitas vezes é distorcida pela percepção de que o espaço da formação é destinado à modalidade funcional da profissão. O aprendizado de métodos educacionais durante o estágio não se configura um todo na profissão. É muito comum vermos formandos relacionando o desenvolvimento do estágio apenas à obrigatoriedade da faculdade. Assim, se tem um empobrecimento do espaço, que não devia, mas já é considerado um estigma. Sabe-se que as ações desenvolvidas na faculdade estão interligadas com o desenvolvimento do aprendizado autônomo do estagiário no ambiente escolar. Corrobora-se que “é necessário, pois, que as atividades desenvolvidas no decorrer do curso de formação considerem o estágio como um espaço privilegiado de questionamento e investigação”. (PIMENTA; LIMA, 2012, p. 112).

Os cursos de formação de professores podem estimular o formando no processo de ensino, superando o paradigma dicotômico. Para Pimenta e Lima (2012) os cursos de formação docente:

[...] não fundamenta teoricamente a atuação do futuro profissional nem toma a prática como referência para a fundamentação teórica, [...] ou seja, carece de teoria e de prática, [...] os currículos de formação têm-se constituído em um aglomerado de disciplinas, isoladas entre si, sem qualquer explicitação de seus nexos com a realidade que lhes deu origem (PIMENTA; LIMA, 2012, p.33).

Portanto, pode-se evidenciar a importância do emprego do estágio supervisionado de maneira adequada, pois este deve ser um local de aprendizagens com uma formação docente

¹ Instituição responsável pela formação de professores entre os séculos XIX e XX.

² Integra teorias e práticas pedagógicas na formação de alunos e professores.

embasada nos princípios de prática social e reflexiva. o emprego correto do estágio, valoriza a formação docente em variados aspectos, um deles é, o direcionamento para a inclusão dos cidadãos à uma educação de qualidade, essa educação que se faz presente tanto para alunos como também para professores, pois os professores também aprendem no dia a dia escolar (PIMENTA; LIMA, 2012).

A dicotomia teoria e prática, construída no processo de formação pelos graduandos, é um grande embate no processo construtivo da identidade profissional. Os currículos das faculdades de licenciaturas são desenvolvidos para a atribuição de valores de autonomia na futura profissão dos estudantes. O estágio é um componente curricular que se apresenta como um alicerce que visa atribuir valores de unificação de teoria e prática. (PIMENTA; LIMA, 2012).

Os graduandos utilizam suas observações para reproduzirem ou até mesmo reelaborar práticas já existentes, ou seja, a imitação de modelos práticos. Essa atitude é atribuída às opiniões críticas sobre os modelos de professores técnicos. A criticidade é válida para construir os pontos de vistas diferenciados. O modelo de imitação deixa algumas faltas para a formação docente e descola o sentido da ação reflexiva sobre a futura prática do profissional. (PIMENTA; LIMA, 2012).

As licenciaturas devem estabelecer um diálogo frequente com as disciplinas de estágio supervisionado para realizarem atividades que estimulem o desenvolvimento reflexivo sobre a formação docente. Para isto, faz-se necessário, também, que o formando “tenha clareza para agir e intenção de intervir e modificar” (BARREIRO; GEBRAN, 2006, p. 27). Segundo Alves, Sanchez e Magalhães (2013) o formando de Ciências Naturais deve considerar que o estágio é uma parte auxiliadora no desenvolvimento da sua identidade profissional, haja vista que o professor de ciências tem o papel de promover o aprendizado como transformação da realidade adversa da sociedade.

Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo analisar as concepções dos formandos do curso de Licenciatura em Ciências Naturais, da Universidade Federal do Pará, campus Tocantins-Cametá, polo Oeiras do Pará, a respeito de sua formação acadêmica no âmbito do Estágio Supervisionado. Para isto, têm-se a seguinte questão de pesquisa: Quais as concepções dos formandos sobre o Estágio Supervisionado da faculdade de Ciências Naturais?

SEÇÃO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo se destina a apresentar as bases teóricas que fundamentaram a pesquisa, encontra-se dividido em três tópicos. No primeiro, refere-se ao Estágio Supervisionado nos documentos oficiais, foram destacados os principais documentos. No segundo tópico, relacionado à relação teoria e prática, são abordadas discussões que fomentam a importância da consonância das mesmas na formação da identidade profissional. E no terceiro, é destinado a discutir sobre a formação de professores em diferentes aspectos, principalmente em relação ao estágio supervisionado.

1.1 Estágio supervisionado nos documentos oficiais

O estágio supervisionado na docência surgiu no Brasil com os primeiros cursos de nível superior. Nesse âmbito também nasceu a ideia, “é preciso estudar para exercer um cargo bom” e porventura realiza-lo da melhor maneira possível. Foi com eficiência e clareza que as instituições de ensino ficaram com o protagonismo de levar uma formação acadêmica que pudesse instigar à prática dos discentes a partir do estágio (MACHADO, 1997).

No ano de 1967 foi criada a Portaria de nº 1.002, pelo então Ministério do Trabalho e da Previdência Social, nela constata-se a emergência de regulamentar o estágio. O objetivo principal deste documento foi colocar um elo entre as indústrias e as instituições de ensino, levando em conta o desenvolvimento da mão de obra profissional. O documento oficial a partir do art. 1º coloca o estagiário dentro das competências das indústrias, ou seja, elas têm o dever de oferecer o posto para os estudantes e os mesmos serão encaminhados pelos órgãos de ensino competentes para tal assunto (BRASIL, 1967).

Em virtude deste primeiro artigo os outros vieram estabelecer uma ligação entre as partes envolvidas, no caso as três, a empresa, o núcleo formador e o formando. Sabe-se que agora os estagiários irão ter uma bolsa enquanto estiverem no local de estágio, mas também está no regulamento que a empresa não é obrigada a contratar o estudante e o próprio tem um tempo para ficar no ambiente inserido depois que as partes firmarem um acordo no contrato. Nele constará que a empresa irá disponibilizar um seguro de acidentes para as pessoas vindas com o intuito de estagiar, e elas não irão ser remuneradas pelos serviços desenvolvidos na indústria (BRASIL, 1967).

Colaborando com o desenvolvimento do estágio o decreto de nº 66.546 foi levado à público em 11 de maio de 1970, com intuito de aumentar a abrangência do estágio, pois diferentemente dos documentos anteriores não se tinha o aparato para exercer o estágio em

órgãos públicos e privados, mas apenas os cursos de Engenharia, Tecnologia, Economia e Administração foram contemplados. Estes cursos estavam diretamente ligados ao que o ramo industrial almejava para o momento, a economia brasileira passava por um aquecimento e isso era bom. Deu para perceber que neste decreto áreas de total importância ficaram de fora, como; educação e saúde. E em 11 de agosto de 1971 a Lei 5.692 possibilitou aos estudantes do 1º e 2º graus fazerem o estágio, promovendo o nível técnico.

Ainda na década de 70 foi instituída uma Bolsa de Trabalho com o Decreto de nº 69.927 para os estagiários, neste documento detectou-se uma maior abrangência dos estágios para todos os alunos do ensino nacional, definiu uma carga horária a qual seria de quatro horas diárias e vinte semanais e se pedia uma correlação do que se via em sala de aula junto com o desenvolvimento das ações no ambiente do estágio.

Logo após esse decreto, surgiu a Lei de nº 6.494 que foi regulamentada pelo Decreto 87.497, esta lei foi altamente criticada, mas ela passou mais de uma década sem nenhuma alteração a única diferença das normas anteriores foi que ela acrescentou o termo de compromisso entre o estudante e a concedente. Em 1994 a Lei 8.859 colocou em suas normas que pessoas com deficiências já poderiam também desenvolver seus estágios em ambiente igualitário com os outros colegas sem portadores de deficiência e no ano de 2000 mais uma alteração ocorrida na Lei do Estágio com a Medida provisória de nº 1.952-24, ela possibilitou que os alunos do ensino médio não profissionalizante pudessem fazer também o estágio.

Na década de 70 houve uma discussão bem acentuada sobre a LDB enquanto à sua institucionalização, ao longo tempo evoluíram muito os aspectos das normas, elevando assim, um diálogo constante sobre o aprendizado entre o termo teórico-prático, ou seja, o estágio como forma de colocar em prática tudo o que se vira em teoria em sala de aula de qualquer local que zela pelo ensino de qualidade, as normas tidas ainda deixaram alguns pontos de interrogação em relação ao estágio, pois, as regulamentações estão sempre abertas para mudanças e isso pode expor a confiabilidade da disciplina de ensino “a ideia fragmentada de estágio, presente de forma difusa nas políticas educacionais” (LIMA; MARRAN, 2011, p. 3).

Em 25 de setembro de 2008 foi sancionada a Lei de nº 11.788 do Estágio Supervisionado pelo então Presidente da República o Sr. Luiz Inácio Lula da Silva, esse conjunto de cláusulas se compromete mais específico e determinado para cada tipo de estágio. Segundo Brasil (2008) No art. 2º inciso 1º determinam que o estágio obrigatório seja aquele que esteja contido nas normas de cada curso, elas contém as horas necessárias para o docente ser aprovado e ter o certificado de conclusão do determinado curso. No inciso 2º explana que o estágio não é obrigatório quando apenas é uma atividade opcional para o estudante. No

inciso 3º deste artigo discorre sobre “as atividades de extensão, de monitorias e de iniciação científica na educação superior, desenvolvidas pelo estudante, somente poderão ser equiparadas ao estágio em caso de previsão no projeto pedagógico do curso” (BRASIL, 2008, p.1).

No Art. 1º da Lei, demonstra que o estágio dá ênfase ao aprendizado e esse tem uma ligação diretamente com as instituições de ensino desde o ensino fundamental até o nível superior, a preparação do profissional para o mercado de trabalho está inserida com a teoria e prática. Haja vista que as duas são essenciais para o processo de cidadania do indivíduo elevando-o com um grau importante de conhecimento adquirido com o estágio, o aprender é importante pelo simples fato de construir uma personalidade crítica no ser. As indagações sobre o meio que ele vive o faz elaborar sua construção de mundo, assim uma das maneiras de desenvolver o conhecimento está atribuída às relações corriqueiras do dia-a-dia (ROESCH, 1996).

No Art. 82º da LDB (BRASIL, 1996, p.51) ressalta que “os sistemas de ensino estabelecerão as normas de realização de estágio em sua jurisprudência, observada a lei federal sobre a matéria”. E o Art. 7º deste documento dispõe que:

São obrigações das instituições de ensino, em relação aos estágios de seus educandos:

I – celebrar termo de compromisso com o educando ou com seu representante ou assistente legal, quando ele for absoluta ou relativamente incapaz, e com a parte concedente, indicando as condições de adequação do estágio à proposta pedagógica do curso, à etapa e modalidade da formação escolar do estudante e ao horário e calendário escolar;

II – avaliar as instalações da parte concedente do estágio e sua adequação à formação cultural e profissional do educando;

III – indicar professor orientador, da área a ser desenvolvida no estágio, como responsável pelo acompanhamento e avaliação das atividades do estagiário;

IV – exigir do educando a apresentação periódica, em prazo não superior a 6 (seis) meses, de relatório das atividades;

V – zelar pelo cumprimento do termo de compromisso, reorientando o estagiário para outro local em caso de descumprimento de suas normas;

VI – elaborar normas complementares e instrumentos de avaliação dos estágios de seus educandos;

VII – comunicar à parte concedente do estágio, no início do período letivo, as datas de realização de avaliações escolares ou acadêmicas (BRASIL, 2008, p.3).

Essas regras abriram um espaço bem amplo para a efetuação do estágio em solo Brasileiro, surgiu o momento oportuno para todos os cursos estabelecerem em seus Projetos Políticos Pedagógicos (PPPs) às cláusulas úteis para tais. Os pontos correspondem muitas perguntas sobre a relação que as instituições têm ao longo do processo, ou seja, estão presentes na formação dos alunos desde o início até o final, isto possibilita para a

universidade um controle e uma fiscalização das ações desenvolvidas pelo universitário no ambiente de estágio e até mesmo o caráter ético legislativo das empresas.

No Art. 15 e nos incisos 1º e 2º do mesmo, diz-se, que se a concedente do estágio não cumprir com suas obrigações preestabelecidas nos termos terá uma punição de dois anos sem receber estagiários, a quebra de contrato de estágio caracteriza elo empregatício com a instituição concedente evidenciando assim o cumprimento informal de outra lei (BRASIL, 2008).

Os órgãos e pessoas com credenciais que competem à lei são autorizadas a contribuir com o desenvolvimento do estágio, desde que sejam apresentados documentos específicos que possam dá o sentido legal do mesmo. As instalações devem está cabíveis para o desenvolvimento das atividades que proporcionam o cunho aprendizagem reflexiva, a instituição pode oferecer um profissional acompanhante para até 10 estagiários. Após o fim do período de estágio o formando tem que entregar o termo de realização do componente e outros documentos comprobatórios (BRASIL, 2008).

Logo, as faculdades puderam oferecer uma melhor qualidade na formação e os estudantes puderam ter uma melhor qualidade de espaço para realizar seu estágio. Sabendo o que realmente a parte concedente, tem como dever a lhe oferecer, assim o estágio se tornou mais igualitário e eficaz em questões legislativas. O estágio se tornou uma prática indispensável para a formação de profissionais tanto que no Art. 10º da Lei do Estágio enfatiza a partir das disposições para os estudantes:

Art. 10º A jornada de atividade em estágio será definida de comum acordo entre a instituição de ensino, a parte concedente e o aluno estagiário ou seu representante legal, devendo constar do termo de compromisso ser compatível com as atividades escolares e não ultrapassar:

I – 4 (quatro) horas diárias e 20 (vinte) horas semanais, no caso de estudantes de educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional de educação de jovens e adultos;

II – 6 (seis) horas diárias e 30 (trinta) horas semanais, no caso de estudantes do ensino superior, da educação profissional de nível médio e do ensino médio regular (BRASIL, 2008, p.4).

Os estagiários começaram a ter no regulamento as horas necessárias para desenvolver a prática no ambiente preestabelecido, e porventura mais direitos conquistados com essa regulamentação, tanto que no Art. 11º refere-se que “A duração do estágio, na mesma parte concedente, não poderá exceder 2 (dois) anos, exceto quando se tratar de estagiário portador de deficiência” (BRASIL, 2008, p.5). Podemos analisar que o estágio também se tornou inclusivo, tornando papel da concedente buscar incluir todos com total estabilidade nos espaços gerais da empresa ou qualquer outro ambiente para realizar o estágio.

A Lei que até nos dias de 2021, está regulamentando o estágio, concebeu uma definição melhor para o Estágio Obrigatório e não Obrigatório. Definiu as férias para os estagiários, regulamentou o que se torna estágio a partir dos PPPs de cada Faculdade ou de algum outro órgão educacional, rege o termo de compromisso entre estudante, meio educacional e concedente de estágio, férias com remuneração para os estudantes enquanto na prática e tempo máximo de dois anos no ambiente de estágio.

Abriu-se uma exceção para pessoas portadoras de alguma deficiência, elas têm o direito de ficar mais de um ano exercendo o estágio no mesmo ambiente e também a classe tem direito a 10% das vagas para estágio. Está na norma também que outros profissionais podem conceder estágio desde que estejam registrados nos órgãos de seus respectivos cargos, e o documento coloca a importância de se ter alguém qualificado para ficar responsável para supervisionar o decorrer das atividades do estagiário durante a jornada de prática.

Com os parágrafos anteriores dialogamos sobre as normas que regeram e regem o Estágio Supervisionado. As transformações ocorridas na sociedade Brasileira também colaboraram para tais fatos, e um deles foi à necessidade de tornar uma prática da formação de todos os cursos de ensino no país. A Lei de Estágio desenvolveu e aprimorou o desenvolvimento do mesmo, assim o ensino e trabalho permanecem mesclados, sempre, hoje em dia o desenvolvimento do estágio é indispensável para a formação de Professores. Diante da primazia as normas evoluíram, mas isso não quer dizer que ainda possam-se fazer mudanças.

1.2 Estágio Supervisionado e a Relação Teoria e Prática

A falta de junção entre teoria e prática estimula o empobrecimento da formação de professores, e assim vemos o decair de uma possibilidade de mudança significativa no ambiente de formação. Portanto, leva-nos crer que as perspectivas de tornar o formando em um profissional perspicaz para os dias atuais se torna ainda mais difícil, corroborando com alguma forma isso afetará os alunos que este formando irá conceber (PIMENTA; LIMA, 2012).

De acordo com Pimenta e Lima (2012) o discente está sendo formado para desenvolver um trabalho de acordo com as melhores perspectivas na sua futura docência, um dos caracteres da profissão é o trabalho unificado, e isso o estágio supervisionado propõe. Ao falarmos no coletivo escolar, não deixamos nenhuma das pessoas diretamente e indiretamente ligadas à escola de fora. A cooperação facilita o diálogo entre professor, aluno e comunidade,

com isso o estágio estimula o desenvolvimento de um intercâmbio entre escola concedente e a universidade, assim o estagiário entende até que parte vai teoria e a prática.

A sala de aula torna-se um desafio para os formandos, quando os mesmos não sabem a realidade das situações que o professor passa no ambiente de trabalho. A formação na base teórica norteia o graduando no ambiente educacional, para o autor “o papel da teoria é oferecer aos professores perspectivas de análise para compreender os contextos históricos, sociais, culturais e de si mesmos como profissionais.” (SACRISTÁN, 1999, p.12).

A dicotomia feita entre teoria e prática relaciona-se ao fato dos formandos acreditarem que a teoria é a parte da formação concebida na faculdade e a prática é desenvolvida nas escolas com o estágio, ou seja, a reprodução. A maioria dos alunos não consegue interligar a relação ensino-aprendizagem por causa de situações problemáticas que os mesmos não sabem administrar com base nas teorias e veem o estágio como um aprendizado tecnicista³ na formação profissional, mas sabemos que o estágio supervisionado não se restringe apenas isso, ele também é aprendizado-reflexivo-cidadão (PIMENTA; LIMA, 2012).

Portanto, o estágio supervisionado consegue ser substancial ao que falamos de junção teórica e prática. O conhecimento obtido com as teorias consegue direcionar, competências de ações que o discente-docente terá em ambiente escolar com suas práticas, não será uma reprodução de ações. Será produções de novas ações, assim tornando essencial, a reflexão como base primordial para desencadear as ações. Complementando, Souza (2001, p. 6) nos remete:

Reconhecer que a finalidade maior da tarefa educativa não é, apenas, a mera transmissão metódica e ordenada do saber sistematizado pela humanidade, mas que é, fundamentalmente, estabelecer novas formas de produzir e distribuir o conhecimento – orientado para novas formas de conceber o mundo, o trabalho, as relações sociais e de vida – suscita a necessidade de entender a prática pedagógica como um processo que tem como ponto de partida e de chegada a prática social.

Assim, o estágio supervisionado necessita ser compreendido como, ato da formação em que o estudante é imbuído de um novo conhecimento acerca das questões escolares. A interação com o meio estimula uma nova visão das questões e propõe uma avidez em comprometer-se em acionar os sentidos para desenvolver atitudes ponderadas. Havendo isso, certamente ocorrerão os acréscimos significativos de informações na formação docente. É favorecido à reflexão sobre a prática, um discurso igualitário que envolve o sentido crítico de debate sobre os rumos do processo de ensino (PICONEZ, 1994).

³ Linha de ensino voltada para o aprendizado de tecnologias relacionadas à profissão, sem alguma objetividade de reflexão crítica social.

O papel das teorias em conformidade com as práticas é essencial, portanto Fávero (1992) a junção da teoria com a prática em estágio tornou-se um grande desafio para os graduandos de cursos de licenciaturas, a não união tornará mais difícil a formação docente, pois, o medo é que isso possa tornar o desempenho do futuro professor um problema, a não concernência da práxis docente com o desenvolvimento de um profissional capaz de realizar transformações positivas em ambiente de trabalho.

Desse ponto de vista, a teoria é o pontapé inicial para o aluno conhecer alguns aspectos do ensino escolar, e a prática tem o seu desenrolar pelo conhecimento teórico. A ida do aluno para praticar as atividades não é vista como crua, pois a teoria já apresentou ao formando para algumas ações do cotidiano escolar, de certo modo o estagiário já tem uma base para iniciar suas ações no estágio. As suas articulações são desenvolvidas em conjunto com o meio social inserido, se concretizando uma prática depois da observação, junção teoria (PIMENTA; LIMA, 2012). Por isso é importante frisar que “São, portanto, componentes indissolúveis da —práxis, definida como atividade teórico-prática que inclui um lado ideal, teórico, e um lado material, propriamente prático, que só podem ser separados por um processo de abstração” (VÁSQUEZ, 1977 apud SANTOS, 2014, p. 85).

Em contrapartida o estágio se torna mecânico quando está no seu encarne a priori dos documentos que frequentemente procuram preencher, de um modo equivocado as ações desenvolvidas no estágio, assim, limitando a formação profissional. Fala-se em instigar o estagiário a ser um pesquisador no ambiente introduzido, apenas assim o aluno pode ter autonomia enquanto realiza suas ações e reformulações. O processo de aprendizagem da profissão, às vezes é entendido de maneira errônea, o estágio se torna continuamente um aliado para o formando aprender técnicas docentes e, assim leva-se ao empobrecimento da prática reflexiva da práxis (PIMENTA, 2010).

Diniz e Zeichner (2011, p. 19) “De acordo com essa visão, a prática educacional é baseada na aplicação do conhecimento científico e questões educacionais são tratadas como problemas “técnicos” os quais podem ser resolvidos objetivamente por meio de procedimentos racionais da ciência” ocorrendo isso há uma perda grande em questões de formação significativa, haja vista que o estágio tem que oferecer o papel construtivo da práxis.

Segundo Barreiro e Gebran (2006, p. 26-27) ressaltam que:

De modo geral, os estágios têm se constituído de forma burocrática, com preenchimento de fichas e valorização de atividades que envolvem observação participação e regência, desprovidas de uma meta investigativa. Dessa forma, por um lado se reforça a perspectiva do ensino como imitação de modelos, sem privilegiar a análise crítica do contexto escolar, da formação de professores, dos processos constitutivos da aula e, por outro, reforçam-se práticas institucionais não reflexivas, presentes na educação básica, que concebem o estágio como o momento da prática e de aprendizagens de técnicas do bem-fazer.

Nesse ponto de vista as disciplinas de estágio, frequentemente se competem a desenvolver atividades com um intuito voltado para a tecnicidade, isso transforma o formando em um profissional com uma identidade meramente monótona, algumas vezes sem capacidade de induzir o discente à busca de uma filosofia educacional qualitativa e até mesmo a sua própria ação significativa, das demais vista no campo de estágio.

Conforme Pimenta e Lima (2012) o processo de mera burocratização do estágio demonstra a forma de um ensino tradicional que não respeita as transformações da sociedade e não considera que o profissional tem que ser reflexivo e autônomo na sua profissão. Diante da questão, os cursos de profissionalização de professores têm que se atentar a introduzir estágios com objetivos centrais na formação de pessoas mais reflexivas e críticas, não apenas aceitar o estigma de ser apenas mais um professor regido por regras que acabam limitando a sua prática. A construção de um educador extrapola o tempo de formação do seu curso, a formação é constante, quando se temos profissionais com responsabilidades de cidadãos ativos na sociedade.

Segundo Pimenta e Lima (2012) as disciplinas de estágio não são meramente uma obrigatoriedade do curso sobre a carga horaria, mas sim uma fonte de aprendizagem para o graduando em sua formação profissional. Ao adentrar no espaço da escola o estagiário irá ter noção do papel do professor e sentirá a mudança ocorrendo em si mesmo em um grau tão elevado, falamos em diferenças de comportamentos, responsabilidades, e comprometimentos com sua profissão, para o ex-aluno que agora é o professor.

O formando se depara com outra questão no ambiente de estágio, pois o aluno do ensino básico e o supervisor técnico do estagiário se sentem algumas vezes incomodados pelo desenrolar de algumas práticas que o formando desenvolve na escola, ao demonstrar um conhecimento mais atualizado das teorias pedagógicas e uma diferenciada prática no ambiente escolar. (BARREIRO; GEBRAN, 2006).

Segundo Alves, Sanchez e Magalhães (2013) a identidade profissional é uma construção intensa no espaço de convivência do profissional, por isso é importante o

estagiário desenvolver suas ações mesmo que extrapolem as perspectivas da conjuntura escolar, portanto:

Quando se fala de uma identidade da categoria docente, dos traços e dos aspectos que caracterizam esse grupo tão heterogêneo, poderíamos pensar imediatamente neste: todos se dedicam ao ensino. Essa é uma característica comum. Mas mesmo considerando esse aspecto aparentemente geral, quando pensado em seus efetivos processos de significação, dele só emergem diferenças (GARCIA; HYPOLLITO; VIEIRA, 2007, p. 47).

Portanto, podemos dizer que a identidade profissional é uma exceção de cada formando ao pensarmos que as características de docentes são divergentes por mais que os mesmos emergem da mesma classe, esse grupo é bastante acerto com seu objetivo central, mas não pode igualar os trejeitos que usarão para chegar ao objetivo principal, a construção identitária depende de ressignificação da profissão (PIMENTA; LIMA 2012).

Partindo deste ponto, o estágio supervisionado é muito importante para os profissionais que atuarão na docência da disciplina de Ciências Naturais, pelo fato de ser uma das primeiras experiências em campo, tornando, a familiarização do ambiente. A realidade do meio educacional estimula o licenciando a criar sua identidade profissional e também nascer o espírito investigativo que a cada vez mais o profissional busca analisar os fatos e fazer raios-X sobre o caráter educacional que se encontra na sociedade (PIMENTA, 2001).

Ao estagiar o estudante desenvolve habilidades para desenvolver seus planos de aulas, levando em conta os aspectos de ensino-aprendizagem-reflexivo nas matérias de Biologia, Física e Química, indo mais além as didáticas criadas pelos futuros docentes têm que se configurar ao espaço-tempo da sua atual localidade.

A aula de Ciências será válida para proporcionar ao aluno do ensino básico um conhecimento transformador, pois quando o indivíduo é colocado para construir seu aprendizado, ele consegue questionar as situações de mundo e criar e sustentar suas convicções, ou seja, exala um ser crítico a partir das ações desenvolvidas por outro ser, este é estimulado pelas relações do dia a dia na comunidade (KRASILCHIK, 1996).

1.3 Estágio Supervisionado e a Formação de Professores

O Estágio Supervisionado é o momento que o formando tem para compreender o mundo em volta da profissão que designa sua formação, assim, o graduando terá a capacidade

de desenvolver habilidades que são imprescindíveis para sua profissão docente (PIMENTA, 2001).

O licenciando antes mesmo de entrar na escola para realizar o estágio já consegue atribuir algumas situações corriqueiras do dia a dia do professor e da escola, isso se deve ao fato de que o licenciando já é familiarizado, contudo como aluno do ensino básico e pondera que algumas situações, já tenha presenciado pelo caminho, enquanto estudante (PIMENTA, 2010).

O formando a partir do Estágio Supervisionado terá a oportunidade de conhecer de perto as personalidades; dos alunos, dos colegas de profissão, e de como funciona o sistema escolar, e de como realmente a comunidade entende a importância da educação na vida de seus cidadãos e entre tantas outras situações.

É portanto, o Estágio, uma importante parte integradora do currículo, a parte em que o licenciando vai assumir pela primeira vez a sua identidade profissional e sentir na pele o compromisso com o aluno, com sua família, com sua comunidade, com a instituição escolar, que representa sua inclusão civilizatória, com a produção conjunta de significados em sala de aula, com a democracia, com o sentido de profissionalismo que implique competência - fazer bem o que lhe compete (ANDRADE, 2005, p. 2).

De acordo com Tardif (2002) o estágio supervisionado é importantíssimo para a formação docente, pois é nele que o graduando terá a oportunidade de observar, fazer pesquisas com intencionalidade reflexiva e realizar seu planejamento docente. O desenvolver de atividades em ambiente educacional, redimensiona a formação do estudante, abrindo uma análise de suas percepções sobre as situações de cunho educativo, esse exame equipara-se há dois tempos, o momento antes e o atual em que se encontra no estágio, assim, observa-se a teoria e prática como uma junção.

Consoante Pimenta e Lima (2012) a formação de professores com base em outras atividades desenvolvidas na faculdade deve demonstrar que o estágio supervisionado, será a parte da formação docente que mais irá possibilitar o formando a fazer questionamentos e buscar coerências entre todas as atividades desempenhadas ao longo de sua vida acadêmica. Assim, revela-se que o estágio é o impulsionador do aprendizado, de ações que de certa maneira estão diretamente ligadas à função em que o formando desempenhará logo após sua saída da faculdade.

Para Pimenta (2010) o estágio supervisionado é o pontapé inicial para a profissionalização do formando, contudo essa profissionalização é tida apenas como o conhecimento da realidade das escolas, a formação do docente vai além dos estágios, ela

precisa ser tratada diariamente e os estágios são dados como início do aprendizado da temática profissional escolar. O estágio supervisionado faz parte do currículo dos cursos de formação de professores, o estudante depois de formado é possibilitado a exercer o cargo de professor.

Neste país o profissional que trabalha na educação obteve o direito de exercer o cargo conforme uma licenciatura feita com base, a algum curso de graduação de professores. Portanto, as licenciaturas são regularizadas pelas normas desta nação e, em uma delas dá sentido:

A licenciatura é uma licença, ou seja, trata-se de uma autorização, permissão ou concessão dada por uma autoridade pública competente para o exercício de uma atividade profissional, em conformidade com a legislação. A rigor, no âmbito do ensino público, esta licença só se completa após o resultado bem sucedido do estágio probatório exigido por lei. (BRASIL, 2001).

Segundo Pimenta e Lima (2012) a lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDBEN) direciona aptidão ao conselho nacional de educação (CNE) diante das resoluções CNE/CP nº 1/2002 e CNE nº 2/2002. Foram instauradas as diretrizes curriculares para todos os cursos de nível superior, nível licenciatura, a carga horária de cada um foi disposta.

O Estágio Supervisionado a partir dessas resoluções se fez presente no currículo dos cursos de formação de professores, o intuito da adentrada desse componente nos PPPs foi descentralizar os formandos do ambiente acadêmico e levando-os para campo, obter experiência com a prática e a mesma sendo desenvolvida com a teórica vista em sala.

A formação de professores desenvolve muitos adjetivos para a disciplina de estágio e até mesmo para a profissão, um deles é a tecnicidade usada para prestação de serviço e isso se faz propício para qualquer profissão, mas ainda, assim se torna pouco para a formação de professores haja vista que as situações corriqueiras que acontecem no dia a dia da profissão não requerem apenas prática, mas também a teoria (PIMENTA; LIMA, 2012).

Conforme Pimenta e Lima (2012, p.33) “os currículos de formação têm-se constituído em um aglomerado de disciplinas isoladas entre si, sem qualquer explicitação de seus nexos com a realidade que lhes deu origem” esse ponto abre um debate sobre a reformulação acentuada sobre as disciplinas teóricas que regularmente não são compreendidas em prática do estágio supervisionado.

Partindo dessa pejorativa, a formação significativa de um estudante de licenciatura se dá quando o ensino tem o caráter assíduo em unificar a teoria e prática e conseguindo estimular o

surgimento de sentimento do discente pela investigação e com a mesma chegar ao ponto certo para solucionar suas dificuldades encontradas pelo caminho (PIMENTA; LIMA, 2012).

Conforme Gatti (2010) as discussões sobre a formação de professores têm ganhado cada vez mais destaque em território nacional, tanto em partes investigativas quanto legislativas, haja vista que a formação significativa de educadores não se torna viável em uma sociedade que não atribui ideais educacionais com o passar do tempo. Por isso, é importante pesquisar para desenvolver leis, pois, as pesquisas ajudam a buscar conteúdos que possibilitem a melhor formação profissional, as leis atribuem valor a pesquisa e aos resultados.

Não podemos falar de formação de professores sem falar da primeira formação, pois para García (1999) a formação inicial dá-se quando o formando concebe conhecimentos em órgãos específicos para a formação de futuros professores e todo o aprendizado é derivado da participação espontânea com o meio e com a prática da docência, tudo somado durante um período de vida e formação, até mesmo aquela singela observação vinda do ensino fundamental faz parte da face profissional do educador.

Partindo das experiências individuais que cada graduando obteve sobre o ensino, se têm em mente, que os indivíduos já sabem mais ou menos como se dá na prática, as relações desenvolvidas dentro das escolas do ensino básico. As vivências dos estagiários são válidas e precisam interligar-se na perspectiva profissional, isso é totalmente favorável, haja vista que não há outra pessoa mais sábia, das necessidades do que, a que convive com as interações no ambiente escolar. Corroborando o autor relata que:

A Formação de Professores é a área de conhecimentos, investigação e de propostas teóricas e práticas que, no âmbito da Didática e da Organização Escolar, estuda os processos através dos quais os professores – em formação ou em exercício – se implicam individualmente ou em equipe, em experiências de aprendizagem através dos quais adquirem ou melhoram os conhecimentos, competências e disposições, e que lhes permite intervir profissionalmente no desenvolvimento do seu ensino, do currículo e da escola, com o objetivo de melhorar a qualidade da educação que os alunos recebem (GARCÍA, 1999, p. 26).

A formação de professores é uma contínua, ação de pesquisa, assim o formando está apto a elas por indeterminado tempo, isso porque o ensino de docentes ultrapassa o ambiente da faculdade. Fica em destaque a importância da formação além da academia, contudo a formação concebida na faculdade é uma alavanca que concebe uma direção fundamentada cientificamente para o docente, podemos distinguir como uma formação institucional, que realiza um ato significativo para a construção da docência (CUNHA, 2008).

A formação de docentes necessita ser ponderada em criticidade e reflexão, só assim o profissional da educação terá voz ativa e sua autonomia será sua porta voz. O autor embasa que a formação desejada tem que ser vista com intuito critico-reflexivo, apenas assim o formando conseguirá abraçar os desafios do meio educacional (NÓVOA, 1992).

Segundo Pimenta e Lima (2012) muitos cursos de licenciaturas ainda beiram o modelo tecnicista, corroborando Frison (2012, p. 11) enfatiza dizendo que “a maioria dos cursos responsáveis pela formação de professores não superou o modelo de formação baseado na racionalidade técnica, ainda que tal modelo venha sendo fortemente questionado” isso nos leva a supor que a maioria dos cursos de licenciaturas não apresenta um diálogo substancial para mudar a visão de dissociação entre teoria e prática.

A formação tem que propor ao formando aventuras no bom sentido da palavra, que extrapolem o técnico e exerçam o adjetivo de formação significativa, aquela que não impossibilita, mas sim aquela que possibilita transformações em um meio tão esgotado pela mesmice, só assim teremos formações de professores significativas.

E Barreiro e Gebran (2006) a pesquisa no ambiente escolar, uma boa docência é aquela que está em constante pesquisa no seu campo e também nos outros que fazem parte do ciclo investigativo, a escola ao todo faz parte do processo. Cada articulação no ambiente é válida para levantar dados da pesquisa, o momento de leitura dos dados e logo após a interpretação leva o sujeito a uma metodologia capaz de solucionar as questões problemas na construção da sua identidade educacional, assim o profissional irá se destacar em questão de qualidade nas suas competências e deixando totalmente de lado o seguimento preestabelecido pelo sistema de formação. A atualização de novas práticas torna o estágio mais eficaz, sendo o propulsor de uma nova fase na vida acadêmica e profissional.

Pelo empenho na formação de professores, que muito o autor anterior expôs, podemos assemelhar sem algum erro, que:

O objetivo primeiro da formação de professores não deve ser apenas o de ensinar os alunos e professoras a ensinar, e sim ensinar-lhes a continuar aprendendo em contextos escolares diversos. Isso inclui refletir sobre a prática pedagógica, compreender os problemas de ensino, analisar os currículos escolares, reconhecer a influência dos materiais didáticos nas escolhas pedagógicas, socializar as construções e trocar as experiências de modo a avançar em direção a novas aprendizagens, num constante exercício de uma prática reflexiva, colaborativa e coletiva (BOLZAN, 2007, p.112).

A qualidade da formação se deve ao fato de refletir incessantemente sobre o ato de educar. A primeira formação é dada com o momento que o formando consegue construir

objetividades coerentes com a profissão ação que se espelha o conteúdo formativo, podendo haver a intencionalidade para descobrir mais conteúdos para aperfeiçoar as características futuramente profissionais (IMBERNÓN, 2006).

Uma das ações que faz a disciplina de Estágio Supervisionado ser significativa para a formação do discente é a uma orientação pautada no valor reflexivo da ação. Fica evidente que o estagiário necessita de alguém que o ajude a superar as dificuldades encontradas no estágio, constata-se que o mesmo está em processo de aprendizagem, a empatia de pessoas mais experientes se torna de grande valia, porventura dicas se dadas, ele irá saber lidar com essa nova fase na formação (BARROS; LIMONGI, 2003).

Para Behrens (1991) a interação no ambiente escolar para o estagiário possibilita o ver das realidades que estão através do ensino-aprendizagem dos alunos, este olhar clínico complementa o pensamento de que é possível o formando construir aprendizados decorrentes das suas próprias interações com o meio que esteve ou está inserido. Assim, o futuro profissional já se adéqua com as questões relacionadas ao comportamento do alunado, só assim o futuro professor terá uma ideia dos tipos de personalidades dos seus futuros alunos, e o mesmo terá a base para lidar com as situações recorrentes em sala de aula.

A formação de professores também é muito debatida pelos pressupostos da práxis educacional, tendo em vista que muito se assemelha em conformidade dos primeiros dias de estágio, contudo a euforia de situações é gritante para a maioria dos docentes-estagiários e revela-se a preocupação da significação da formação docente, isso é válido se pretendemos que o graduando esteja apto na construção da sua práxis. E, então nos perguntamos o que será a práxis para o profissional da educação?

Conforme Vázquez (1967) a palavra “práxis” tem sua origem na Grécia e tem o significado diretamente com “ação” e “prática”, portanto a práxis enquanto, para professor tem o sentido de prática da profissão e a ação é atribuída à razão social que o profissional desempenha para com o aluno e no geral a comunidade. O significado Marxista “para Marx, práxis é atitude (teórico-prática) humana de transformação da natureza e da sociedade. Não basta conhecer e interpretar o mundo (teórico) é preciso transformá-lo (práxis)” (PIMENTA, 2010, p. 86).

A práxis de acordo com o sentido marxista à atitude que o docente terá perante a sua profissão, suas ações que possibilitarão uma transformação positiva não apenas para a comunidade mais principalmente para seus alunos, é nesse sentido que as formações de professores devem ser significadas, a atitude como transformação de realidades adversas do

bom. A Práxis não se limita apenas a desvendar o mundo mais também a muda-lo para melhor (VÁSQUEZ, 1967).

SEÇÃO 2: METODOLOGIA

2.1 Contexto e Caracterização da pesquisa

O presente trabalho foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa. Para Bogdan e Biklen (1994) essa abordagem é desenvolvida *in loco*, logo é essencial que o pesquisador adentre no espaço da pesquisa para colher as informações, e assim construa uma melhor compreensão do objeto. Com relação aos objetivos propostos, assume um caráter de pesquisa descritiva, pois permite o investigador levantar opiniões e construir interpretações sobre o tema investigado (GIL, 2008).

Participaram da pesquisa onze formandos do curso de Licenciatura em Ciências Naturais da Universidade Federal do Pará, campus Tocantins-Cametá, Polo Oeiras-Pa, do regime intensivo⁴. À época a turma havia concluído o penúltimo semestre da carga horária obrigatória do curso, que inclui o Estágio III. O curso prevê uma carga horária de 405 horas para realização do estágio supervisionado obrigatório, divididos em quatro semestres. A turma iniciou as atividades de estágio no quarto semestre. O estágio foi realizado durante o período regular, seguindo o calendário das escolas municipais.

2.2 Coleta e análise dos dados

A constituição dos dados se deu por meio da técnica de Grupo Focal, que é uma entrevista coletiva e interativa, na busca de respostas mais aprofundadas sobre o tema. Antes do início à entrevista coletiva, os participantes responderam a um questionário, que visa obter informações sobre o perfil formativo.

Cada participante foi identificado com uma numeração e ao iniciar suas falas ele apresentava o número que o mesmo foi contemplado. Segundo Gatti (2005) ao utilizar esse método o pesquisador sente os sentimentos, as observações, o aprendizado e a construção de ideais que cada componente do grupo possui, esse método requer que o mediador seja perspicaz e sucinto com as questões postas aos componentes da pesquisa.

Um dos objetivos que o pesquisador leva a utilizar a técnica, é a busca de dados intrínsecos ao objeto de estudo e as percepções dos participantes acerca do tema. O investigador assume o papel de mediador, provocando, com novos questionamentos, mais

⁴ O ano letivo do regime intensivo funciona nos meses de janeiro e fevereiro (primeiro semestre letivo) e em julho agosto (terceiro semestre letivo).

discussões entre as pessoas do grupo. Além disso, ressalta-se que o mesmo deve realizar o registro de suas observações e intervir durante a entrevista, com intuito de conduzir o discurso dos participantes o tema em questão.

A interpretação dos dados utilizou-se parcialmente nos princípios da Análise Textual Discursiva. Segundo Moraes (2003) ao analisar os dados o pesquisador estar diante dos pontos de vista, das observações, dos questionamentos, e das inquietações do objeto de estudo. A análise iniciou-se com a transcrição do áudio derivado do grupo focal, identificando cada participante e sua fala. Finalizado a transcrição, deu-se início ao processo de unitarização.

[...] processo de desmontagem ou desintegração dos textos, destacando seus elementos constituintes. Implica colocar o foco nos detalhes e nas partes componentes, um processo de divisão que toda análise implica. Com essa fragmentação ou desconstrução dos textos, pretende-se conseguir perceber os sentidos dos textos em diferentes limites de seus pormenores. (MORAES, 2003, p. 195)

Com o processo de unitarização têm-se elementos para compor a categorização. Para Moraes (2003) ao categorizar os dados você irá fazer um agrupamento de aproximações, selecionar partes do texto que apresentam semelhanças de sentido, sem os desperdiça-los. No processo de categorização pode constituir níveis de categorias, ou seja, as subcategorias.

SEÇÃO 3: RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Caracterização dos sujeitos/participantes

Os participantes da pesquisa são onze formandos do curso de Licenciatura em Ciências Naturais da Universidade Federal do Pará, do Campus Tocantins-Cametá do Polo Oeiras do Pará. Desses 91% são do sexo feminino e apenas 9% são do sexo masculino. O número expressivo de integrantes do sexo feminino dá-se pelo fato da turma ser constituída majoritariamente de estudantes mulheres.

A faixa etária de idade dos participantes apresentou uma variante de 20 a 35 anos. Assim temos quatro integrantes que se englobam na faixa de 20-25 anos, três entre 25-30 anos e quatro sujeitos na faixa etária de 30-35 anos de idade. Dentre os onze participantes, três já são formados em nível superior, um é formado em nível técnico e o restante está em sua primeira graduação. No Quadro 1 observa-se uma síntese do perfil formativo dos participantes.

Quadro 1. Perfil dos participantes da pesquisa

Código	Gênero	Idade	Graduação	Anos de Magistério
A1	Feminino	30-35	FCN	–
A2	Feminino	25-30	Pedagogia e FCN	03 anos
A3	Feminino	30-35	Pedagogia e FCN	-
A4	Feminino	20-25	FCN	–
A5	Feminino	25-30	FCN	–
A6	Feminino	25-30	FCN	–
A7	Feminino	20-25	FCN	–
A8	Feminino	20-25	FCN	–
A9	Feminino	30-35	Pedagogia e FCN	07 anos
A10	Feminino	20-25	FCN	–
A11	Masculino	30-35	FCN	–

Com relação à experiência educacional, quatro atuam em ambiente escolar, sendo dois como professor. Os participantes-professores exercem o cargo nos anos iniciais de turmas de ensino fundamental. O restante dos investigados não tem ou tiveram contato algum com o ambiente escolar em relação algum cargo de desempenho.

3.2 Entrevista coletiva com os formandos

A partir da análise dos dados, suscitou-se cinco categorias, são elas: Concepções sobre Estágio Supervisionado; A importância do Estágio Supervisionado na Formação Docente; Experiências e aprendizagens a partir do Estágio Supervisionado; O Estágio Supervisionado e suas Dificuldades e Estágio Supervisionado e sua Flexibilização na Perspectiva dos Formandos.

3.2.1 Concepções sobre Estágio Supervisionado

Com o intuito de saber e compreender as percepções dos formandos sobre o componente curricular Estágio Supervisionado da faculdade. Questionou-se: Qual a sua definição para o conceito de Estágio Supervisionado?. No Quadro 2, observa-se algumas respostas.

Quadro 2. Qual a definição para o conceito de Estágio supervisionado?

<i>Discentes</i>	<i>Definições sobre Estágio Supervisionado.</i>
<i>A2</i>	<i>“[...] um campo de pesquisa, onde o aluno vai ter a oportunidade de construir seu perfil profissional [...]”.</i>
<i>A3</i>	<i>“[...] vamos ver como a teoria se dá em sala de aula [...].”</i>
<i>A6</i>	<i>“[...] o estágio supervisionado supera simplesmente uma obrigação acadêmica, ele é o momento em que a gente se depara com a realidade e é só assim que vamos ter a ideia do profissional a ser construído, e ainda, a realidade de sala nos leva a analisar a teoria na prática.”</i>

Fonte: Elaborado pelo autor.

FCN (Formando em Ciências Naturais)

O integrante *A7*, definiu o estágio, *“Pra mim o estágio supervisionado é o momento de vermos em prática tudo o que vimos em sala, é o momento de criarmos nossas próprias concepções, de observarmos o professor, de sermos críticos conosco mesmos e de alguma forma nos exercitarmos, pois futuramente vamos trabalhar em sala de aula. Então esse é um momento muito importante para exercitação da profissão e de criar nossas concepções ao eu profissional”.*

Este pensamento não se viu apenas do participante (*A7*), o participante (*A5*) também obteve uma linha de pensamento semelhante. Tal que *“[...] o estágio é a oportunidade de observarmos a prática docente em sala. Ele é um norte na nossa futura docência, é a partir*

dele que vamos observar o que acontece com o professor em sala e só assim relacionar a prática com a teoria vista na faculdade [...]”.

Para Pimenta e Lima (2012) o Estágio Supervisionado é o local conveniente para o graduando investigar, analisar, interpretar e refletir, assim demonstra-se que o Estágio Supervisionado superou as expectativas curriculares das disciplinas e ainda ofereceu ao estagiário a oportunidade da imersão em seu campo de profissão.

[...] é iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e ao mesmo tempo colocar elas próprias em questionamento, uma vez que as teorias são explicações sempre provisórias da realidade (PIMENTA e LIMA, 2012, p.43).

O participante (A11), afirma que *“[...] o estágio supervisionado obrigatório é um dos processos mais importantes para a nossa formação, é o período que buscaremos refletir a partir de ações acontecidas na escola. A presença do supervisor técnico é essencial para extrairmos aprendizados, podemos investigar e chegar a conclusões, isso é importante, pois é assim que vamos construir a nossa identidade profissional [...]”.*

O aluno ressalta a importância do supervisor técnico (professor de Ciências da escola) e que as observações realizadas em salas aula, das metodologias e sua postura diante dos alunos agregam valores à sua prática docente. A observação, a regência e as intervenções pedagógicas fazem parte do quadro de atividades desempenhadas no estágio, o participante tem a noção de que o conteúdo programático proporciona um somatório de conhecimentos a partir de cada momento que um deles é desenvolvido nos estágios.

As observações lhe deram a oportunidade de refletir sobre as situações ocorrentes no ambiente, não só nas salas de aula, mas na escola como um todo, e a regência veio trazer uma série de emoções e obrigações. Com isso, ele adquiriu maneiras que possibilitaram o seu melhor papel, as intervenções foram utilizadas como uma forma de aprofundamento do real cotidiano de cada aluno.

A definição de Estágio Supervisionado para o integrante (A10) está diretamente ligada à formação de graduandos, ele diz que *“[...] o acadêmico vai poder exercer toda a teoria que ele aprendeu na faculdade e que ele poderá observar como é a vivência do docente em relação às atividades que são corriqueiras da profissão como educador, e ele também poderá aprender como funciona o processo na prática diferentemente da teoria”.* O participante entende que às vezes as ações que acontecem em âmbito escolar extrapolam a teoria e é assim que o mesmo irá aprender, sabendo que o estágio é o local de valor para colocar em experiência sua base de conhecimentos teóricos advindos da academia.

O integrante (A1), da pesquisa exclamou também que o estágio é “[...] *definido como um ambiente onde o aluno vai ter como relacionar a teoria vista em sala de aula com a prática no ambiente educacional, em si o estágio permite ao acadêmico colocar em prática tudo que ele vivenciou na teoria em sala de aula na faculdade*”. Nessa linha de raciocínio verifica-se que o “[...] *estágio é uma oportunidade que o aluno tem para fazer a relação entre a teoria e a prática [...]*” (A4).

E o (A9), definiu como “[...] *o momento que o acadêmico irá colocar em prática tudo aquilo que ele estudou na faculdade, então é aquele momento que ele vai pensar na didática para ter futuramente como professor, ele vai treinar digamos assim, então é muito importante este momento sem ele o formando não teria como treinar suas didáticas*”.

Diante da fala do participante, o estágio supervisionado não é meramente uma dissociação entre teoria e prática, pois se há esta divisão a formação não está sendo significativa para um profissional reflexivo e crítico, pois a maneira mais adequada para se tornar bom profissional, que ele seja atuante e reflexivo, é ele sabendo que a teoria está sendo utilizada em sua prática educacional. (PIMENTA; LIMA, 2012).

Para Bolzan (2007) a reflexão sobre ações de docentes não é um sistema que extrapola as ideias iniciais do mesmo, refletir ajuda na tomada de decisões acerca dos nossos próprios métodos, o que será melhor para nós e mais ainda para nossos alunos, refletir é buscar uma concepção limpa sobre nossas ações em sala de aula. Nesse sentido é aceito que a busca por reflexão no âmbito de estágio eleva a construção identitária profissional do graduando.

Essa primeira etapa das discussões sobre as disciplinas de Estágio Supervisionado culminou em muitas percepções advindas do processo “Teoria e Prática”, pois foi unanime as definições sobre o estágio referentes à temática. O processo pelo qual todos passaram e estão passando, é compreensível em alguns momentos, eles terem pensamentos parecidos. Observa-se que a maioria dos alunos ainda não haviam experienciado as rotinas de sala de aula como professores, e tudo que eles assemelham ou estão assemelhando no ambiente de estágio é derivado das aulas das disciplinas na faculdade.

A construção que cada um está desenvolvendo requer deles a liderança propriamente dita, e criarem responsabilidades que o darão a autonomia de participarem ativamente de suas transformações. O aprendizado obtido os dará apoio para criarem suas próprias concepções sobre o seu papel enquanto professor e ao mesmo tempo como cidadão. Haja vista que o papel de um professor vai além de ensinar fórmulas, ele é um dos pilares na construção de um cidadão ativo na sociedade (PIMENTA; LIMA, 2012).

3.2.2 A importância do Estágio Supervisionado na Formação Docente

Após as discussões sobre as definições, questionou-se aos participantes a respeito das contribuições do estágio para sua formação, através da seguinte pergunta: O estágio supervisionado é importante para sua formação? De que forma? Destaca-se que as concepções afloravam de um assunto em comum, mas as interpretações eram desenvolvidas diferentemente, por causa das situações que cada um vivenciou, os acontecimentos que cada um presenciou, derivaram de ações diferentes. No Quadro 3, observa-se algumas respostas.

Quadro 3. O estágio supervisionado é importante para sua formação? De que forma?

Discentes	Concepções diante a importância do Estágio Supervisionado.
A5	<i>“[...] sim, foi o estágio que me proporcionou o primeiro contato com a sala de aula, ministrar uma aula, a fazer planos de aula, a conhecer como se dá a vida da profissão”.</i>
A6	<i>“[...] sim, porque me espelhando nos docentes da sala de aula, tendo empatia com os alunos, vendo a realidade de cada um, é essa a importância que o estagio trás para a formação de nós, enquanto discente humanizar o professor, não a critica-lo por não fazer certas ações em sala de aula, nos damos conta só quando conhecemos realmente as situações [...]”.</i>
A7	<i>“[...] sim, foi através dele que eu fui conhecedora das realidades do professor e aluno, foi através dele que eu pude ver que a prática se torna válida com a teoria, então é isso que o estagio proporciona, você faz a relação da teoria e prática e também pra gente é uma forma de exercitação e até mesmo fazer uma autoavaliação e também se preparar para a vida profissional”.</i>

Fonte: Elaborado pelo autor.
FCN (Formando em Ciências Naturais)

No discurso do participante (A5), nota-se o seu empenho em aprender a parte técnica da profissão e por isso o estágio se torna válido para a sua formação, mas sabe-se que apenas a tecnicidade não faz a sua formação significativa, por mais que a profissão requeira em certos momentos. Segundo Pimenta e Lima (2006) a parte técnica vista por muitos formandos no estágio, emprega que sempre irá haver uma semelhança entre todos os profissionais da educação. Há formando que busca inspirações para suas futuras práticas com práticas de seus supervisores do estágio, isso é uma barreira a ser quebrada, pois sim, o estágio lhe permite aprender as partes técnicas obrigatórias de cada escola, mas é incoerente o individuo que está se formando não compreender o real motivo da sua participação em ambiente de estágio.

Os discursos dos participantes (A6) e (A7), convergem na perspectiva de que, o professor de ciências e os demais em geral, são frequentemente cobrados sobre suas didáticas em sala. Ressaltam que apenas vivenciar, através do estágio, situações reais proporciona aos

futuros docentes uma formação mais adequada, que vise a solução de problemas de cunho pedagógico. “A profissão de educador é uma prática social. Como tantas outras, é uma forma de se intervir na realidade social, no caso por meio da educação que ocorre não só, mas essencialmente, nas instituições de ensino. Isso porque a atividade docente é ao mesmo tempo prática e ação.” (PIMENTA; LIMA, 2012, p.41).

A visão do (A9), é que *“sim, o estágio foi muito importante porque foi o primeiro momento que eu pude adentrar na sala de aula, não como aluna, mas sim como estagiária, futura professora, e nesse momento pude colocar em prática tudo que aprendi e também a convivência que tive com os alunos, corpo docente da escola, onde pude perceber as diferentes formas que terei que adaptar para me portar verdadeiramente como professora [...]”*.

Para o participante (A10), *“sim, o estágio é muito importante, pois leva, o acadêmico perceber que a função do professor não é só ministrar a aula, atribuí muitas outras atividades, como participar de planejamentos, reuniões, ele acaba desempenhando vários papéis a partir do momento que ele se proporcione a dar aula em vários turnos. Assim como ele tá ensinando ele também tá aprendendo, saber que o professor não sabe tudo, pois ele também tá aprendendo com os alunos [...]”*.

O participante (A11), *“sim, o estágio teve uma importância muito grande na minha formação. Foi o momento que eu pude me avaliar como discente e como uma futura professora, e ali dentro eu percebi o que eu tinha para ensinar e o que eu deveria ensinar, e assim vendo como colaborar de forma positiva com os alunos, pensando não só em mim e aprendendo mais para levar para meus alunos. O estágio também é o momento que você desenvolve afetividade pelos alunos e o grupo escolar, posso dizer que desenvolvi muitas amizades [...]”*.

Neste posicionamento o participante enfatiza que o processo de autoavaliação deve ser um exercício constante da atividade docente. Destaca-se positivamente o estagiário que já possui uma postura reflexiva da sua prática, pois a reflexão crítica das ações contribui significativamente na formação de sua identidade profissional. Pimenta e Lima (2012, p 164) destacam que “O estágio tem sentido de complementação, trazendo elementos de compreensão da totalidade social que respinga na atividade docente e no cotidiano da sala de aula”.

O participante (A2), afirma que *“[...] o estágio contribuiu muito para minha formação de perfil profissional, de como eu irei me portar em sala, se eu vou ser um professor que*

utiliza a aula inteira métodos tradicionais ou se vou querer ser um professor que irá utilizar o lúdico para instigar os alunos”.

O (A1), ressalta “[...] o estágio é muito importante **pelo fato de nós estagiários conseguirmos assimilar toda a parte de organização das metodologias desenvolvidas pelo professor supervisor e a partir disso organizarmos a nossa.** E também é muito importante termos a relação aluno e professor, assim vamos conhecendo como os alunos se comportam e logo após desenvolver a didática que mais possa contribuir no aprendizado dos alunos”.

Observa-se, nas falas do A2 e A1, uma preocupação em promover e contribuir para a aprendizagem dos alunos. Para isto, o professor precisa compreender como se dá o processo de construção de conhecimentos dos alunos. A Sbem (2003, p. 21) destaca que:

O contexto escolar é parte integrante dos conhecimentos dos professores e inclui, entre outros, **conhecimentos sobre os estilos de aprendizagem dos alunos**, seus interesses, necessidades e dificuldades, além de um repertório de técnicas de ensino e de competências de gestão de sala de aula.

Nesse contexto, faz-se necessário uma formação inicial e continuada, que promova a construção de conhecimentos referentes à prática docente. Para Passerini (2007, p. 18) “O processo de formação do professor é contínuo, inicia-se antes mesmo do curso de graduação”. Este processo sofre influência dos acontecimentos históricos, políticos, culturais, possibilitando novos modos de pensar e diferentes maneiras de agir perante a realidade que o professor está inserido. O participante (A8), refletiu que o estágio “[...] foi importante sim, por ter o contato com os alunos e você conhecer a realidade do professor [...]”.

O campo de estágio proporciona a o formando experiências desafiadoras, reflexivas e que consigam desenvolver uma criticidade sobre a realidade. Para isto, o estagiário deve entender esse momento não como uma obrigação curricular, pois sendo assim, “não necessita dominar os conhecimentos científicos, mas tão somente as rotinas de intervenção técnica deles derivadas” (PIMENTA e LIMA, 2012, p. 37).

Para Gasparin (2001) o profissional tem que utilizar do seu espaço para buscar meios que possam contribuir, para que os alunos se sintam acomodados com as didáticas, por mais que diferenciadas, elas devem ser pautadas no sentido de descobrimento, envolvimento e outras demais que possam contribuir significativamente com o ensino-aprendizagem.

3.2.3 Disciplina Estágio Supervisionado e suas dificuldades

Com o intuito de fazê-los refletir acerca das dificuldades e desafios, durante o desenvolvimento Estágio Supervisionado, questionou-se: Quais foram as dificuldades encontradas durante o Estágio Supervisionado?. No Quadro 4, observa-se algumas respostas.

Quadro 4. Quais foram as dificuldades encontradas durante o Estágio Supervisionado?

<i>Discentes</i>	<i>As problemáticas encontradas durante o desenvolvimento do estágio.</i>
<i>A1</i>	<i>“[...] a minha primeira dificuldade foi a elaboração dos planos de aula.”</i>
<i>A3</i>	<i>“[...] Vimos dificuldades em como agir com os alunos rebeldes, e como se comportar diante. Tinha um aluno muito rebelde e começamos a perceber que quando chamávamos a atenção dele, de maneira alguma ele nos obedecia, aí que realizamos uma estratégia para melhorar o comportamento dele, e foi fazendo dele nosso auxiliar de turma [...]”.</i>
<i>A7</i>	<i>“[...] me deparei com a dificuldade de organizar o plano de aula junto com o tempo dado para as aulas de ciências, como a gente tem pouca experiência foi muito difícil o plano corresponder ao tempo nos dado [...]”.</i>

Fonte: Elaborado pelo autor.

FCN (Formando em Ciências Naturais)

Para muitos formandos está sendo a primeira graduação e, conseqüentemente, o primeiro estágio. Diante disso, é possível identificar que muitos estagiários tiveram dificuldades em realizar as atividades propostas no ambiente educacional. O estágio tende apresentar essas dificuldades de uma maneira mais amplificada para os graduandos, pois os mesmos não estão adaptados ao sistema de ensino.

Um dos pesquisados ressaltou *“Minha principal dificuldade foi o domínio de classe, porque quando você chega à sala de aula você irá ter que lidar com pessoas e com suas diferenças, e sobre essas particularidades você tem que desenvolver seu trabalho, essa foi minha dificuldade. Muitas das vezes você pensa que todos os alunos estão compreendendo o assunto, mas engana-se ao pensar, aí então você tem que buscar uma forma para que o aluno possa compreender o assunto [...]” (A8)*. Em alguns casos os estagiários se deparam com a dificuldade da não familiarização dos alunos com eles, isso implicou na não participação dos alunos nas aulas. Os formandos se sentiram incomodados e críticos com suas didáticas, vejamos nas falas deles *“[...] No primeiro dia das nossas regências levamos uma dinâmica e vimos que os alunos estavam resistentes a não participarem, logo concluímos que eles não eram acostumados a ver outras didáticas nas aulas [...]” (A3)*.

Outros participantes sentiram dificuldades em relação à falta de atenção dos alunos, e até mesmo a interrupção da aula pelo comportamento desacerbado. *“[...] Muitas das vezes os*

planos não saem como previsto pelo fato de algumas dificuldades que encontramos em sala, seja pelo mau comportamento de alunos ou pela falta de tempo” (A10). Outro destaca “[...] as questões de pouca participação nos davam o sentimento de repulsão [...]” (A9). Para Libâneo (1994) a dificuldade em ter o domínio de classe, constantemente se baseia na dificuldade de ter o controle da disciplina. Pode-se dizer que a não eficácia do cumprimento do que se tinha nos planos de aula levou uma imagem distorcida dos estagiários para os alunos.

As dificuldades revelam-se corriqueiras se pensarmos que esse é o primeiro contato com a sala de aula na postura de professor, que o formando teve. É uma nova tomada de aprendizado e conhecimentos na construção da profissão. Nesse sentido Abreu (2013) conclui que o formando não vai se tornar professor no íntimo da profissão após sua saída da faculdade. Ele só se tornará após a construção da sua práxis, e isso não pode ser acelerado, assim se ver favorável às primeiras concepções trazidas pela socialização no estágio, haja vista que é um pontapé inicial na construção da práxis do formando.

O participante (A6), destaca *“Uma das principais dificuldades encontradas por mim foi com relação aos planos de aula, até então eu não tinha uma noção de como fazer, como ele estaria adequado a metodologia do professor que estava nos auxiliando, e a segunda dificuldade foi ministrar o tempo em relação à regência, em priori chegamos com intuito de passar o assunto e quando vimos passamos todo assunto e ainda tinha tempo [...]”*.

Observou-se que os integrantes tiveram problemas em administrar o tempo diante da prática dos planos de aula, e além do mais pela insegurança de compactá-los perante a funcionalidade das aulas administradas pelos supervisores técnicos. Vê-se que os integrantes ainda não tinham o domínio de classe, a insegurança de primeiro momento incomodou-os significativamente, com isso, acarretando a não fluidez das aulas como se pretendia.

A fala do (A5), corrobora *“[...] de primeiro eu enfrentei a dificuldade de elaboração dos planos de aula e que era tudo novo para mim, na faculdade, tivemos a parte teórica com a professora em como ministrar uma aula, mas na prática era tudo novo, e por isso a insegurança que tive foi muito grande em lidar [...]”*.

Outros participantes também relataram dificuldades em elaborar as aulas que se comportassem dentro do tempo pré-determinado e também houve a preocupação em fazer uma aula inclusiva, respeitando as particularidades de cada aluno, vejamos outras declarações; *“[...] enfrentamos um desafio muito grande, pois, você tem que ter tempo para planejar uma boa aula e tem que adaptar o conteúdo para seu aluno, que ele consiga entender o que você tá explicando do assunto” (A2).*

O plano de aula para Libâneo (1994, p. 222), "[...] é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social". Portanto, o professor tem que levar em consideração tudo que está em torno do aluno e da própria escola, assim, o social, a cultura, a questão política e principalmente as particularidades referentes ao aprendizado do aluno. O plano de aula deve ter embasamento para chegar ao que se pretende, mas se o profissional apenas desenvolver o plano para praticar uma aula remota como tantas outras, tradicionais, ele não conseguirá suprir às necessidades para o desenvolvimento da aprendizagem significativa (LIBÂNEO, 1994).

Observa-se uma preocupação do professor-estagiário em levar uma metodologia que consiga suprir às necessidades que cada aluno apresenta. Sabe-se que é um tanto quanto difícil para o formando desenvolver uma aula significativa, já que o tempo determinado é um vilão para às didáticas propostas por ele. O docente tem a noção de que é necessário buscar formas que possibilitem o melhor aprendizado, supostamente quando a aprendizagem significativa não ocorre, o aluno se adapta ao modelo tradicional.

As dificuldades encontradas no EJA *“A primeira dificuldade foi em elaborar os planos e o tempo curto, e uma das principais dificuldades foi administrar aulas na turma do EJA”* (A9). Alguns integrantes tiveram a oportunidade de estagiar em algumas turmas do ensino para jovens e adultos, todos tiveram dificuldades, pois os alunos apresentaram relutâncias em participar das aulas, haja vista, a problemática se torna ainda maior quando o professor não sabe desenvolver a aula na perspectiva do EJA. Essa experiência trouxe conhecimentos para os estagiários e conseqüentemente na próxima vez que eles irem exercer a função professor no EJA, eles terão didáticas melhores para aumentar o desempenho de suas aulas.

Moraes (2009) ressalta:

Pensar na formação de professores de jovens e adultos, no atual contexto socioeconômico, político e cultural, exige uma avaliação e uma revisão da prática educativa e da formação inicial e continuada desses educadores, principalmente se considerarmos as especificidades e particularidades dos sujeitos-alunos-trabalhadores. (MOURA, 2009, p. 48)

Outra questão destacada pelo participante (A4), é sobre o nervosismo que, sem dúvidas nenhuma, foi uma das causas que comprometeu o desenrolar das aulas. *“As minhas dificuldades enfrentadas no primeiro momento foi o planejamento das regências, pois é o momento que o professor supervisor não está, eu como acadêmica não sabia como organizar a metodologia e também a questão do nervosismo com o comportamento de alunos, essa parte foi a mais difícil [...]”*.

O participante exclama, “[...] *outra dificuldade que tive foi em ministrar a minha primeira aula, foi um momento de dificuldade, pois o nervosismo foi muito presente e isso foi desafiador para mim enquanto acadêmica*” (A1). “E dentre essas e outras a administração do conteúdo para ser assimilado de forma positiva, foi uma das dificuldades, e o nervosismo também” (A6). “[...] o primeiro impacto vem quando você assume o papel do professor supervisor, surge uma *cobrança em nós mesmos em fazer a aula bem eficaz, sem que deixarmos o professor ficar frustrada com nossas aulas, sem julgamentos*” (A11).

Percebe-se que o nervosismo inicial partiu do momento em que eles começaram a desenvolver as regências, isso se deve ao fato de uma exposição maior, e sabemos que de certa forma isso leva julgamentos. O medo em comum da maioria em ser criticado nos remete a profissão em si de professor que é altamente julgada, e essa realidade qualquer profissional da educação passou ou passará, no entanto é assim que o professor irá se adaptando ao ambiente.

Outro ponto enfatizado pelos participantes foi a falta de auxílio para aulas mais dinâmicas, como material didático, isso se revelou um problema para os estagiários. A perspectiva de realizar uma aula com uma metodologia diferente levou os formandos, à procura de inserção de aparatos que os auxiliassem nas aulas, mas não foi possível pela falta dos recursos na escola.

Verifica-se no depoimento do (A3), quando diz que “[...] *a questão de materiais à serem usados em sala de aula, a falta de verba para propor uma atividade com esses materiais, agora a gente entende a dificuldade que os professores passam para fazer uma aula bem dinâmica, ou seja, pela falta de recursos, e a gente no estágio encontrou essa dificuldade para fazer a nossa prática, comprar material que os nossos planos exigiam [...]*”.

Em referência a uma aula mais dinâmica o integrante (A8), exclama que “[...] *devido muitas dificuldades não foi possível, entra a questão financeira, o tempo de cada aula entre outras questões, acarreta a inexistência de didáticas mais dinâmicas*”. O graduando não conseguiu desenvolver uma aula mais interativa e sucinta, vemos que as dificuldades deixaram-no sem rumo e, portanto, não teve outra opção para usar em sala ao invés de livros e lousa.

Marasini (2010) destaca que o professor tem que ter o espírito baseado na construção e reinvenção com base nos seus ideais primários para a profissão, concebendo o auxílio de suas didáticas com as perspectivas do ambiente dos alunos. E o livro didático delimita o processo de uma didática inclusiva para o ensino-aprendizado, e assim, determina-se que o professor

busque recursos didáticos que ajudem a retratação do assunto abordado no cotidiano do aluno, pode ser um jornal, revistas e algumas atividades concebidas no local.

De acordo com Araújo e Souza (2009) as dificuldades enfrentadas pelos estagiários, também se fazem presentes no dia-a-dia dos próprios professores da escola. O número alto de alunos por turmas, a falta de tempo para desenvolver um melhor trabalho, e tudo isso acarreta à falta de colaboração dos alunos para tornar as aulas mais produtivas. Isso identifica a deficiência que muitos professores encontram e desenvolvem perante a realidade escolar.

3.2.4 Estágio Supervisionado e a flexibilização das suas ementas na perspectiva dos Formandos

Com o intuito de fazê-los refletir acerca das mudanças e melhorias para o desenvolvimento Estágio Supervisionado, questionou-se aos participantes A partir das suas experiências o que pode ser melhorado no desenvolvimento dos Estágios Supervisionados da faculdade?. No Quadro 5, observa-se algumas respostas.

Quadro 5. A partir das suas experiências o que pode ser melhorado no desenvolvimento dos Estágios Supervisionados da faculdade?

<i>Discentes</i>	<i>Flexibilização no componente curricular “Estágio Supervisionado”.</i>
<i>A1</i>	<i>“[...] No segundo estágio, a meu ver deveríamos trabalhar em cima apenas das regências e intervenções, e no terceiro estágio deveria ser diminuída a carga horária de intervenções [...]”.</i>
<i>A3</i>	<i>“deveria diminuir a carga horária de observação no segundo estágio e a carga horária de intervenções”.</i>
<i>A8</i>	<i>“A meu ver deveriam retirar o diário de campo já que fazemos esses registros no relatório”</i>

Fonte: Elaborado pelo autor.
FCN (Formando em Ciências Naturais)

Observou-se que os participantes convergem em relação à diminuição ou exclusão dos momentos de observação a partir do estágio II. Contudo, ressalta-se que os discursos apontam apenas para redução/exclusão da carga horária sem apontamentos sobre como cumpririam a carga desta. A observação poderia ser retirada dos estágios, a partir da segunda ambientação na escola, contudo essa ação é importantíssima e desencadeia uma serie de reflexões benéficas para a formação docente e até mesmo auxilia o desempenho das outras atividades de estágio.

Os estágios de observação devem apresentar aos futuros professores condições para detectar e superar uma visão simplista dos problemas de ensino e aprendizagem, proporcionando dados significativos do cotidiano escolar que possibilitem uma reflexão crítica do trabalho a ser desenvolvido como professor e dos processos de ensino e aprendizagem em relação ao seu conteúdo específico (CARVALHO, 2012, p. 11).

Nesse contexto, observa-se a necessidade de os formandos entenderem o real valor das atividades de observações durante a realização dos estágios. Superando o pensamento de que esses momentos são para descrever como acontecem as aulas do professor técnico e registrar isso em um diário de campo.

Para o participante (A2), repensar a retirada das observações a partir do segundo estágio é conveniente, mas ele destaca que deveriam diminuir *“a carga horária apenas das intervenções e aumentar as regências. Pra você realizar uma intervenção você tem que ter muito tempo e material, e isso leva um planejamento maior e muitas das vezes o tempo que vamos usar incomoda a professora supervisora, pois não tem como fazermos em um pequeno tempo, e a gente de certa forma tira um espaço bem grande do professor com seus alunos”*.

Para o pesquisado as intervenções propostas precisam de um tempo bastante grande e não é possível utilizar tanto tempo diante de uma carga horária pequena disponibilizada para as aulas de Ciências. Para o (A5), que também concorda com o (A2), *“o que pode ser melhorado é a diminuição da carga horária de intervenção, é porque frequentemente o professor já possui um cronograma montado e quando vamos estagiar mexemos na estrutura e sabemos que a carga horária dessa atividade é bem grande”*.

A maioria dos investigados tem em comum essa opinião de que *“Deveriam rever a carga horária das intervenções, pois supri muitas horas do professor supervisor que muitas das vezes se encontra relutante em disponibilizar as horas, e acho que as regências é a parte principal, essa sim podendo ser bem mais focada”* (A11).

Para o (A4), *“o que pode ser melhorado é a diminuição da carga horária das intervenções e o número de documentações”*. Aqui o estagiário revela que a quantidade de documentos é bastante grande, podemos concluir que o tempo usado para preencher tantos documentos compromete o desenvolvimento de outras ações no estágio.

Para o participante (A8), o diário de campo se torna desnecessário quando se redige um relatório falando das vivências no estágio. Para outro componente, *“[...] o diário de campo, pois ele é muito extenso e isso desgasta”* (A7). O preenchimento do diário de campo é um resumo feito do que o estagiário fez na escola e o relatório contém esses acontecimentos e uma reflexão dos formandos, logo leva-nos crer que os documentos têm finalidades parecidas, portanto, para os estagiários deveria ser repensada a existência do diário de campo.

O pesquisado (A6), destaca que “[...] *uma coisa a ser melhorada é o pensamento entre o diário de campo e o relatório, pois nos dois registramos as atividades que foram realizadas em estágio, poderiam colocar apenas um desses documentos*”. “*Eu acho que também poderiam tirar o diário de campo, pois nós já estamos colocando tudo no relatório, em geral o relatório é mais prático, esses últimos estágios e outras atividades acadêmicas exigiram muito tempo e de certa forma vemos uma negativa para a produção do nosso conhecimento*” (A9).

Ressalta-se que o preenchimento do diário de campo é feito durante a realização das atividades e, geralmente, o relatório ao final do processo. As anotações do diário não devem ser “repetidas” no relatório, mas servem para lembrar as ações e construir as reflexões e significados no relatório.

O (A10), diz que: “*O que eu penso que poderia melhorar, é que, deveriam ter duas professoras para orientar os estagiários, e assim acompanhar mais ativamente os formando no decorrer do estágio, e também fazer uma autoavaliação do supervisor técnico e também auxiliar de uma forma mais presente na escola*”. O pensamento deste graduando veio à tona pelo fato do estágio ser um propulsor para conhecer o mundo criado em torno da escola, e logo uma orientação mais de perto e ativa torna o estágio mais enriquecedor.

Ressalta-se que os Estágios supervisionados nas licenciaturas seguem um padrão curricular de carga horária, com atividades de observação, intervenções pedagógicas e regência (CARVALHO, 2012). As observações apontadas pelos participantes são pertinentes e merecem discussão, pois são eles que estão no chão da escola realizando as atividades. A maioria das concepções está ligada à parte documental e a subdivisão da carga horária de cada etapa de estágio. Nesse contexto, entende-se que flexibilizar é proporcionar uma formação melhor e mais abrangente para todos os graduandos.

A formação significativa é muito discutida, isso porque ela não trás benefícios apenas para uma pessoa, mas sim, para toda uma sociedade. Ao adentrar no curso de formação um calouro entra com algumas possibilidades predispostas por ele mesmo, mas ao longo da caminhada acadêmica ele se deparará com várias outras possibilidades de aprendizagens às quais o mesmo nunca tenha imaginado, isso atribui um valor ainda maior a sua formação. Atributos indispensáveis para sua construção identitária profissional, são desenvolvidos diante das teorias vistas em sala da faculdade e a relação com a prática profissional é experienciada no Estágio Supervisionado, a formação de professores necessita da indissociação da teoria e prática, só assim o graduando consegue adquirir experiências desenvolvidas pelo ato de querer viver o momento de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio Supervisionado é uma parte da formação docente que compreende alguns sentidos para os formandos, ora tem sentido de prática funcional, ora outra tem sentido de crítico-reflexivo. A formação acadêmica é uma parte do constante aprendizado que os docentes obtêm ao longo da caminhada profissional, esse início de caminhada para a profissão professor é considerado fundamental, pois é nesse começo que o formando explora os conteúdos propostos pelos currículos.

A pesquisa desenvolveu-se a partir da inquietação em saber como o Estágio Supervisionado é compreendido, de que maneira ele é importante para formação dos professores. Ao analisar essas concepções dos formandos da faculdade de Ciências Naturais da Universidade Federal do Pará, Campus Tocantins-Cametá, Polo Oeiras-Pá, verifica-se que a maior parte das concepções dos estagiários está vinculada com a visão do estágio como a parte prática da formação. Confessaram algumas dificuldades que tiveram durante os processos, que revelam insegurança em suas práticas docentes. Contudo, ressalta-se que possuem um senso reflexivo, algo necessário às ações pedagógicas.

Muitas obrigatoriedades levaram algumas dificuldades aos estagiários, para eles o preenchimento de alguns documentos ocupou uma boa parte do tempo. Alguns documentos à critério da faculdade não tem a mesma finalidade, mas ao que tudo indica para os formandos se tornaram parecidos, as mesmas funções, nesse sentido seria viável ser replanejado alguns documentos. Ressalta-se que o estágio supervisionado acrescentou muitos conhecimentos para os formandos, diante das dificuldades eles buscaram meios para resolvê-las ou até mesmo realizar as atividades em consonância, foi um momento de superação, já que foi a primeira experiência de muitos dos formandos.

O estágio configura-se em um grande aliado para os formandos de ciências, haja vista que o ensino de ciências está vinculado ao desenvolvimento de cidadãos críticos democraticamente, o ensino deve constar com atividades inter e multidisciplinares. O professor tem um papel fundamental para consolidar essas perspectivas. A prática que o profissional desenvolverá, implicará constantemente em soluções para ocupar o vazio no ensino-aprendizagem dos alunos.

A pesquisa se mostrou o quanto é importante discorrer sobre a formação de professores, e como é significativa colocar em prática um estágio supervisionado intencionado para investigação, pois assim o formando atribuirá sentido na construção de sua identidade profissional. Instigar à aprendizagem em qualquer aluno não é fácil, só conhecendo-o e

sabendo das suas singularidades, que o professor conseguirá desenvolver práticas para despertar o interesse deste aluno para o ensino-aprendizagem significativo.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Silvana de. O Estágio Supervisionado na formação do professor de Geografia: diálogos ininterruptos. In: ALBUQUERQUE, M. A. M. de; FERREIRA, J. A. S. (Orgs.). **Formação, Pesquisas e Práticas Docentes: Reformas Curriculares em Questão**. João Pessoa: Editora Mídia, 2013.
- ANDRADE, A. M. A. O Estágio Supervisionado e a Práxis Docente. In: SILVA, Maria Lucia Santos Ferreira da. (Org.). **Estágio Curricular: Contribuições para o Redimensionamento de sua Prática**. Natal: EdUFRN, 2005. Disponível em: www.educ.ufrn.br/arnon/estagio.pdf; acesso em: 15 jul. 2020.
- ARAUJO, M. I. O.; SOUZA, J. F. A prática de ensino no processo de formação profissional do professor de biologia. In: VII **ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, FLORIANÓPOLIS**, 2009. Anais do VII ENPEC, Belo Horizonte: ABRAPEC, 2009.
- ALVES, V. P.; SANCHEZ, A. B.; MAGALHÃES, C. **O estágio supervisionado no curso de pedagogia: “E quem já é professor”?** Vivências e experiências da prática de estágio. Revista eletrônica Pro-Docência/UEL. Edição nº 4, vol. 1, jul./dez. 2013.
- BARREIRO, I. M. F.; GEBRAN, R. A. **Prática de Ensino e Estágio Supervisionado na formação de Professores**. São Paulo: Avercamp, 2006.
- BARROS, M. F.; LIMONGI, A. C. **O estagiário de administração nas organizações brasileiras: Um Estudo Comparativo entre a Visão do Aluno e das Empresas**. [s.l.]; [2003]. Disponível em: http://www.ead.fea.usp.br/semead/7semead/paginas/RH_completo.html. Acesso em: 06 mar 2020.
- BEHRENS, M. **O Estágio Supervisionado de Prática de Ensino: Uma proposta coletiva de reconstrução**. Dissertação de Mestrado em Educação. São Paulo, PUC/SP, 1991.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Editora. Portugal, 1994.
- BOLZAN, Dóris P. V. A construção do conhecimento pedagógico compartilhado na formação de professores. In FREITAS, D. S. (org.). **Ações educativas e estágios curriculares supervisionados**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2007. 112 p.
- BRASIL. Lei Nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o Estágio Supervisionado. **Diário oficial da união**. Brasília, DF. 25 de abril de 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm. Acesso em: 20 jun. 2020.
- BRASIL. Parecer CNE/CP 28/2001. Dá nova redação ao parecer 21/2001 que estabelece a duração e a carga horária dos cursos de formação de professores da educação básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. **Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno**. 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/Arquivos/pdf/028.pdf>. Acesso em 20 Junho 2020.

BRASIL. Decreto nº 66.546, de 11 de maio de 1970. Institui a Coordenação do “Projeto Integração”, destinada à implementação de programa de estágios práticos para estudantes do sistema de ensino superior de áreas prioritárias, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 11 maio 1970. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1970-1979/D66546.htm. Acesso em: 30 jun.2020.

BRASIL. Decreto nº 75.778, de 26 de maio de 1975. Dispõe sobre o estágio de estudantes de estabelecimento de ensino superior e de ensino profissionalizante de 2º grau, no Serviço Público Federal, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 27 maio 1975. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/114828/decreto-75778-75>. Acesso em: 01 jul.2020.

BRASIL. Decreto nº 87.497, de 18 de agosto de 1982. Regulamenta a Lei nº 6.494, de 07 de dezembro de 1977, que dispõe sobre o estágio de estudantes de estabelecimentos de ensino superior e de 2º grau regular e supletivo, nos limites que especifica e dá outras providências.

Diário Oficial da União, Brasília, DF, 19 ago. 1982. Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-87497-18-agosto-1982-437538-norma-pe.html>. Acesso em: 02 jul. 2020.

BRASIL. Decreto-lei nº 4.073, de 30 de janeiro de 1942. Lei orgânica do ensino industrial.

Diário Oficial da União, Brasília, DF, 30 jan. 1942. Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1940-1949/decreto-lei-4073-30-janeiro-1942-414503-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 02 jul. 2020.

BRASIL. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 26 set. 2008. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm. Acesso em: 02 jul.2020.

BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 12 ago. 1971.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm. Acesso em: 02 jul. 2020.

BRASIL. Lei nº 6.494, de 7 de dezembro de 1977. Dispõe sobre os estágios de estudantes de estabelecimento de ensino superior e ensino profissionalizante do 2º Grau e Supletivo e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 9 dez. 1977. Disponível em:

BRASIL. Lei nº 8.859, de 23 de março de 1994. Modifica dispositivos da Lei nº 6.494, de 7 de dezembro de 1977, estendendo aos alunos de ensino especial o direito à participação em atividades de estágio. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 24 mar. 1994. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8859.htm. Acesso em: 05 jul. 2020.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 05 jul. 2020.

BRASIL. Medida Provisória nº 1.952-24, de 26 de maio de 2000. Altera a Consolidação do Trabalho (CLT), para dispor sobre o trabalho a tempo parcial a suspensão do contrato de

trabalho e o programa de qualificação profissional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 28 maio 2000. Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/medpro/2000/medidaprovisoria-1952-24-26-maio-2000-377319-norma-pe.html>. Acesso em: 05 jul. 2020.

BRASIL. Orientação Normativa nº 7, de 30 de outubro de 2008. Estabelece orientação sobre a aceitação de estagiários no âmbito da Administração Pública Federal direta, autárquica e fundacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 4 nov. 2008. Disponível em:

https://www.gov.br/pgfn/pt-br/assuntos/programa-de-estagio/orientacao_normativa_07_republicacao_2.pdf/view. Acesso em: 06 jul. 2020

BRASIL. Portaria nº 1.002, do Ministério do Trabalho e Previdência Social, de 29 de setembro de 1967. Institui nas empresas a categoria de estagiário e dá outras providências.

Diário Oficial da União, Brasília, DF, 6 out. 1967. Disponível em: https://atvi.com.br/wp-content/uploads/2018/02/Portaria_MTPS_n_1002_29_09_1967.pdf. Acesso em: 06 jul. 2020.

BRASIL. Resolução nº 01, de 21 de janeiro de 2004. Conselho Nacional de Educação.

Estabelece Diretrizes Nacionais para a organização e a realização de Estágio de alunos da Educação Profissional e do Ensino Médio, inclusive nas modalidades de Educação Especial e de Educação de Jovens e Adultos. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 4 de fev. 2004.

Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/res1.pdf>. Acesso em: 08 jul.2020.

BRASIL. **Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.**

LDBEN 9.394. Brasília: MEC, 1996. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 08 jul. 2020.

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno**. 2001. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/cne/Arquivos/pdf/028.pdf>. Acesso em 20 Junho 2020.

CARVALHO, A. M. P. **Os Estágios nos Cursos de Licenciatura**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

CORREIA, C. C. **Um programa de professores em informática educativa como espaço para inovações tecnológicas na prática docente**. Rio de Janeiro. 2007. UNESA, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=89477>. Acesso em: 23 Jun. 2020.

CUNHA, M. I. . **Os conceitos de espaço, lugar e território nos processos analíticos da formação dos docentes universitários**. Educação Unisinos, v. 12, p. 182-186, 2008.

DIDONE, A. M. **Estágio: teoria e prática Caminhos e Possibilidades na proposta da SEED/PR**. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/pde/arquivos/985-2.pdf>> .

Acesso em: 20 jun. 2020.

DINIZ, P. J. E.; ZEICHNER, K. M. (orgs). **A pesquisa na Formação e no Trabalho Docente**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. 19 p.

DUBAR, C. **A Crise das Identidades: Interpretação de uma Mutação**. Tradução:

BARROS, M. A. L. São Paulo: Edusp, 2009.

DUTRA, E. F. Relação entre Teoria e Prática em Configurações Curriculares de Cursos de Licenciatura. In: **ANAIS DO VII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS**. Florianópolis/SC, 2009. Disponível em: <http://www.ciencias.seed.pr.gov.br/modules/extcal/event.php?event=71>. Acesso em 17 de jul. 2020.

FÁVERO, M. L. A. Universidade e estágio curricular: subsídios para a discussão. In: ALVES, Nilda (Org.). **Formação de Professores: pensar e fazer**. São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 92 p.

FREIRE, P. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FRISON, M. D. **A produção de saberes docentes articulada à formação inicial de professores de química: implicações teórico-práticas na escola de nível médio**. 310 p. Tese (Doutorado em Educação em Ciências: Química da Vida e da Saúde) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

GARCÍA, M. C. **Formação de Professores. Para uma mudança educativa**. Porto: Editora Portugal, 1999. 26 p.

GARCIA, M. M. A.; HYPOLITO, A. M.; VIEIRA, J. S. **As identidades docentes como fabricação da docência**. Educação e Pesquisa. v.31, n.1, 2007. 47 p.

GASPARIN, J. L. **Motivar para aprendizagem significativa**. Jornal Mundo Jovem. Porto Alegre, n. 314. 2001.

GATTI, B. A. **Formação de professores no Brasil: Características e problemas**. Educ. Soc., Campinas, v.31, n.113, p. 1355-1379, dez. 2010.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências humanas**. Brasília: Liber Livro, 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IMBERNÓN, F. **Formação Docente e Profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2006.

KRASILCHIK, M. **Formação de professores e ensino de Ciências: tendências nos anos 90**. In: MENEZES, L. C. (org.) Formação Continuada de Professores de Ciências: Nupes. 1996. 135-170 p.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. 222 p.

LIBÂNEO, J. C. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. 3º ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LIMA, P. G.; MARRAN, A. L. **Estágio curricular supervisionado no ensino superior brasileiro: algumas reflexões.** Revista e-curriculum, São Paulo, v. 7, n. 2, ago. 2011.

MACHADO, N. J. Estágio nas licenciaturas: 300 horas. In: **ENCONTRO NACIONAL DE ESTÁGIOS: ASPECTOS ÉTICOS E LEGAIS**, 1., Curitiba. Anais [...]. Curitiba: UFPR, 1997.

MARASINI, A. B. **A Utilização de Recursos Didáticos-Pedagógicos no Ensino de Biologia.** 2010. 25 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/35773/000781693.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 15 mar. 2020.

MORAES, R. **Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva.** Ciência & Educação: Bauru, SP, v. 9, n. 2, p. 191-210, 2003.

MOURA, T. M. M. **A Formação de Educadores de Jovens e Adultos: realidade, desafios e Perspectivas atuais.** Dossiê Temático: Educação de pessoas, adultos e idosos. Vitória da Conquista: 2009.

NÓVOA, A. **A formação de professores e profissão docente.** In A. Nóvoa (Coord) Os professores e sua formação. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 15- 33. 1992.

PASSERINI, G. A. **O estágio supervisionado na formação inicial de professores de matemática na ótica de estudantes do curso de licenciatura em matemática da UEL.** 121 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina: UEL, 2007.

PICONEZ, S. C. B. (org.) **A prática de ensino e o estágio supervisionado.** 2ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

PIMENTA, S. G. **O Estágio na Formação de Professores: Unidade Teoria e Prática?** 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência.** 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PIMENTA, S. G. LIMA, M. S. L. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poiesis**, Santa Catarina, v. 3, n. 4, p.5-24, jan. 2006. Disponível em:< <https://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/view/10542/7012> >. Acesso em: 15 set. 2020.

PINHEIRO, A. M. **A importância do estágio.** [s.l.]; [2008]. Disponível em: <http://www.artigonal.com/recursos-humanos-artigos/importanciadoestagio-403435.html> . Acesso em: 27 mar 2020.

ROESCH, S. M. A. Projetos de estágios e pesquisa em administração: guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudos de caso. São Paulo: Atlas, 1996.

SACRISTÁN, J.G. **Poderes instáveis em educação.** Porto Alegre: Artmed, 1999. 12 p.

SANTOS, J. C. F. **Aprendizagem Significativa: modalidades de aprendizagem e o papel do professor.** Porto Alegre: Mediação, 2008.

SANTOS, M. G. **A relação teoria e prática na formação do pedagogo à luz do materialismo histórico-dialético.** Feira de Santana: UEFS Editora, 2014. 85 p.

SBEM. **Subsídios para a discussão de propostas para os cursos de Licenciatura em Matemática: uma contribuição da Sociedade Brasileira de Educação Matemática.** Disponível em: www.prg.unicamp.br/ccg/subformacaoprofessores/SBEM_licenciatura.pdf

SOUZA, N. A. **A relação teoria-prática na formação do educador.** In: **Anais da Semana de Ciências Sociais e Humanas.** Londrina, v. 22, p. 5-12, 2001.

SOUZA, V. L. T. (2009). **Educação, valores e formação de professores: contribuições da psicologia escolar.** In C. M. Marinho-Araújo (Org.), **Psicologia escolar: novos cenários e contextos de pesquisa, prática e formação.** Campinas, SP: Alínea. 133-151 p.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2002.

VÁZQUEZ, A. S. (1967). **Filosofia de la Praxis.** México: Siglo XXI editores, 2003.

VEIGA, I. P. **Educação Básica e Educação Superior: Projeto Político-Pedagógico.** Campinas: Papirus, 2004. 16 p.

VILLANI, A. **Planejamento Escolar: Um instrumento de atualização dos professores de Ciências.** Revista de Ensino de Física, São Paulo- Sp, v. 13, p.162-177, dez. 1991. Disponível em: <http://www.sbfisica.org.br/rbef/pdf/vol13a11.pdf>. Acesso em: 07 de junho de 2021.